



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação

GESTÃO DE RISCO E PROTEÇÃO DO FUTURO:

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA MUSEOLOGIA SOCIAL E DA MUSEOLOGIA LGBTQIAPN+

RISK MANAGEMENT AND FUTURE PROTECTION:

THEORETICAL CONSIDERATIONS OF SOCIAL MUSEOLOGY AND LGBTQIAPN+ MUSEOLOGY

Sérgio Rodrigues de Santana – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Eliane Epifane Martins - Instituto de Educação Estadual do Pará (IEEP)

Lília Mara Menezes - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Annebelle Pena Lima Magalhães Cruz - Universidade do Estado do Amapá (UEAP)

Luís Fernando Vanin - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Os atos golpistas de 2023 e as enchentes do Rio Grande do Sul em 2024 promoveram reflexões sobre a Gestão de Risco. A museologia social e LGBTQIAPN+ promovem esforços de superação do preconceito frente aos sujeitos LGBTQIAPN+ através dos 'Riscos e Proteção do futuro', essa que reflete o patrimônio, os riscos e corpos/*psiques* LGBTQIAPN+. Como a dimensão 'Riscos e Proteção do futuro' promove as bases teóricas e epistêmicas para a disciplina de Gestão de Risco na museologia? Objetivou analisar os 'Riscos e Proteção do futuro' no âmbito da museologia social e LGBTQIAPN+ para alargamento teórico-sintético epistemológico da museologia. Adotou a abordagem qualitativa e a hermenêutica crítica como método. Infere-se que além das questões técnicas da Gestão de Risco, essas precisam estarem atreladas a *Environmental, Social and Governance* (ESG), a Agenda 2030, a responsabilidade social, os estudos de ética e empatia e estudos de Inclusão, que são pontos da dimensão 'Riscos e Proteção do futuro' quando se pensa a relação patrimônio, riscos e corpos/*psiques*.

Palavras-chaves: Museologia LGBTQIAPN+; Museologia Social; gestão de risco; Epistemologia.

Abstract: The coup acts of 2023 and the floods in Rio Grande do Sul in 2024 promoted reflections on Risk Management. Social and LGBTQIAPN+ museology promote efforts to overcome prejudice against LGBTQIAPN+ subjects through 'Risks and Protection of the future', which reflects heritage, risks and bodies/*psyches*, an inseparable relationship. How does the 'Risks and Protection of the future' dimension provide the basis for the discipline of Risk Management in museology? It aimed to analyze the 'Risks and Protection of the future' within the scope of social museology and LGBTQIAPN+, for a theoretical-synthetic epistemological expansion of museology. It adopted the qualitative approach and critical hermeneutics as a method. It is inferred that in addition to the technical issues of Risk

Management, these need to be linked to points such as Environmental, Social and Governance (ESG), the 2030 Agenda, social responsibility, ethics and empathy studies and Inclusion studies, which are points in the 'Risks and Protection of the future' dimension when thinking about the relationship between heritage, risks and bodies/psyches.

Keywords: LGBTQIAPN+ Museology; Social Museology; risk management; Epistemology.

1 INTRODUÇÃO

Os atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 resultaram em severas depredações do patrimônio cultural nacional, enquanto as enchentes no Rio Grande do Sul, entre os dias 3 e 4 de maio de 2024 danificaram e destruíram uma parte significativa do patrimônio local e regional. Esses eventos, tanto de origem humana quanto natural suscitam reflexões urgentes sobre a Gestão de Risco (GR) como disciplina nos cursos de biblioteconomia, museologia e arquivologia.

A GR é uma área que se refere à “[...] organização que visa proteger todos os seus recursos (humanos, financeiros, materiais) das conseqüências de possíveis eventos aleatórios que possam ameaçar o crescimento ou desempenho da mesma” (Tavares, 2013, p. 3). No âmbito da museologia, por exemplo, é imprescindível se debruçar sobre as tensões humanas e naturais através dos estudos epistêmicos da GR como estratégia de antecipação, pois ambos os eventos se referem à perda da memória e identidade da democracia de um povo, ameaçando as suas existências.

A pesquisa intitulada ‘Intersecções históricas, teóricas e práticas da museologia: considerações do fazer da museologia social para fundamentar a Museologia LGBTQIAPN+’, apresentado no GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades, no Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação em 2023 destacou três vetores pertinentes, e um deles foi fator ‘Riscos e Proteção do futuro’, em que as tensões humanas e naturais e a GR se conectam como base da museologia social e da museologia LGBTQIAPN+.

Isso ocorre porque o vetor ‘Riscos e Proteção do futuro’, em discussão nessa comunicação, versa sobre o futuro, no contexto de antecipação, no âmbito da preservação e

conservação do legado das culturas e memórias LGBTQIAPN¹, mas que pode ser ampliado para outras comunidades e grupos sociais. O vetor 'Riscos e Proteção do futuro' reflete de certo modo, em segundo plano nos riscos dos corpos e *psiques*, pois ao assumir, compreender e/ou visualizar a própria identidade LGBTQIAPN+, há consciência desses riscos e senciência² para minimizá-los.

A museologia social é uma abordagem do campo da museologia que teoriza e aplica a premissa que as instituições museais devem ser mais democráticas e inclusivas (Moutinho, 1993), o que inclui a museologia LGBTQIAPN+, que por sua vez, segundo Baptista, Boita e Wichers (2020) é o conjunto de esforços teórico-práticos epistêmicos de superação do preconceito e discriminação dos sujeitos LGBTQIAPN+ na pós-modernidade, e que inclui também os riscos.

Diante destes argumentos, podemos questionar, como a dimensão 'Riscos e Proteção do futuro' promove as bases teóricas e epistêmicas para a disciplina de Gestão de Risco na museologia? Objetivou-se aqui, analisar a dimensão 'Riscos e Proteção do futuro' no âmbito da museologia social e da museologia LGBTQIAPN+.

A justificativa versa no alargamento teórico-sintético e epistemológico da museologia através da interlocução entre 'Riscos e Proteção do futuro', GR, patrimônio e corpos/ *psiques* e riscos.

2 HERMENÊUTICA CRÍTICA COMO MÉTODO

Adotou a abordagem qualitativa, que operou por meio de descrições, interpretações

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos, Assexuais, Agêneros, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, pessoas Não-Binárias e demais identidades e vivências sexuais e de gênero. Neste estudo, essas comunidades estão representadas pela sigla LGBTQIAPN+. A sigla não é apenas um conjunto de letras, mas um campo de disputa política e social que envolve a legitimidade, visibilidade e reivindicações de diferentes segmentos dentro da comunidade. A utilização da sigla LGBTQIAPN+ reconhece a natureza dinâmica e fluida das identidades de gênero e sexualidade, permitindo uma constante adaptação e inclusão de novas identidades e orientações. O "+" ao final da sigla simboliza essa abertura para futuras expansões, reafirmando a necessidade de uma sigla que possa acompanhar as transformações sociais e políticas contínuas. Além disso, a escolha da sigla LGBTQIAPN+ em nosso trabalho reforça o compromisso com a representatividade e inclusão, refletindo as interações sociais dinâmicas e a complexidade das identidades humanas (Vanin, 2024).

² Capacidade dos seres humanos e alguns organismos mais simples de perceber e sentir as emoções, sentimentos e afetações positivas e negativas de forma consciente e impostar-se sobre seus excedentes. (Silva; Ataíde Júnior, 2020).

e compreensões dos fenômenos, com um foco crítico, pois a crítica é um mecanismo integrante do novo pensamento científico na medida que é também um mecanismo do rigor científico (Minayo, 1996; Bachelard 1996).

Na hermenêutica crítica não se pode aceitar nada sem crítica, é preciso ter a possibilidade de embate entre o pesquisador autor da pesquisa e avaliadores, em que o autor possa expor seus próprios pensamentos e venham receber as devidas apreciações, em um fluxo de réplica pelos avaliadores, seguido de tréplica pelo autor, e ambos munidos de bases na apresentação de razões (Trevisan; Deveschi; Tauchen, 2022).

Nessa lógica, a hermenêutica crítica pode recorrer ao círculo hermenêutico para ser conduzido, esse sendo o mecanismo que conecta: o texto ao leitor; assim como o texto e o produtor; entre o ato da sua escrita e o ato da sua leitura e entre o sujeito e a sua situação. As análises podem ser focadas e efetuadas através do círculo espiral, pois eles promovem a apreciação do fluxo de réplica/avaliadores e tréplica/autor. Em termos empíricos o círculo espiral é uma estratégia que organiza na mente do intérprete o conteúdo, e segundo Mantzavinos (2014), pode ser apresentada por três premissas epistêmica, através de etapas técnica-protocolares.

As três premissas de questionamentos de Mantzavinos (2014, p. 59): inclui: como o sistema cognitivo do intérprete sente, percebe, classifica, compreende e representa os sinais escritos?; essa operação mental é/ou está automática? e que tipo de construção cognitiva é ativada para que o significado da parte de uma expressão escrita só seja acessível ao intérprete em relação ao todo e vice-versa?. Do mesmo modo, o círculo hermenêutico é um instrumento didático e guia metodológico, pois ele é '[...] formulado mediante as relações entre as partes e o todo: tentamos estabelecer a leitura do texto como um todo e para isso recorremos a leituras de suas expressões parciais (Taylor, 1985, p. 18).

O círculo hermenêutico adotado nesta pesquisa foi o modelo 'circularidade aberta' que permite derivações intermináveis, logo, também as críticas através das etapas técnica-protocolares. Como primeira etapa destaca-se a 'pré-compreensão', que versa sobre a preparação do estudo entre as atividades práticas de busca, recuperação, organização, seleção, leitura prévia do conteúdo, assim antecede a análise e compreensão, preservando, entretanto, o que irá compor o *corpus* (Almeida, 2022).

Na etapa técnica-protocolar 'consideração de preconceitos', que na reflexão as pré-noções e os pré-julgamentos sobre um determinado objeto (Almeida, 2022). Essa segunda

versa sobre a contextualização dos recursos e de seus autores, assumindo-se um compromisso entre o objeto e o sujeito da investigação (Almeida, 2022).

Na etapa técnica-protocolar denominada de ‘fusão de horizontes e contextos’, ocorre a realização da leitura dos conteúdos, e o cruzamento dos autores, conectando em nova procura ou na interpretação dos conteúdos (Almeida, 2022, p. 88). Na quarta etapa técnica-protocolar, chamada de “extração da literatura científica” são extraídos os significados, identificadas as ideias-chave e problemáticas, além de realizar uma avaliação prática e visualizar as lacunas. Essa etapa é fundamental para o processo de compreensão interpretativa (Almeida, 2022, p. 88).

Na quinta etapa técnica-protocolar, denominada “aplicação de sentido”, são apresentados os resultados das etapas anteriores, culminando na construção efetiva de novos conhecimentos. Dependendo dos objetivos da pesquisa, o sentido poderá ser afirmativo (concordância e reforço) ou negativo (discordância e oposição).

Na sexta etapa técnica-protocolar, chamada “interrogação” são realizadas as reflexões e questionamentos sobre a validade da própria construção. Nesta fase, verifica-se e avalia-se o trabalho realizado, bem como a importância do objeto de estudo e os elementos que fortalecem sua compreensão (Almeida, 2022).

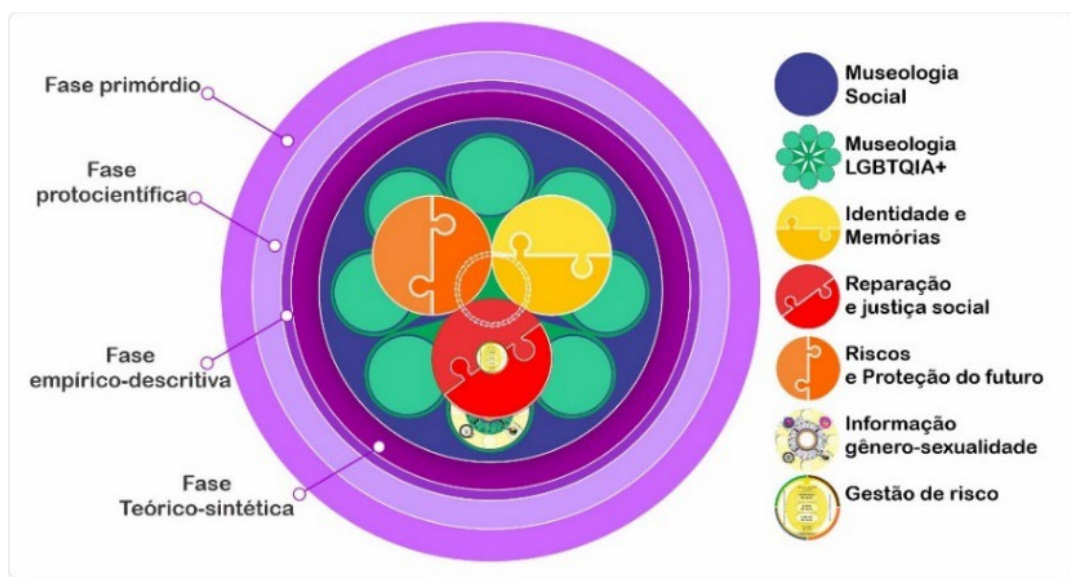
Assim, somente se pode efetivar uma crítica, ou críticas, quando o pesquisador percorre a pré-compreensão, consideração de preconceitos, fusão de horizontes e contextos, interpretação, extração da literatura científica e aplicação de sentido, pois a crítica é uma ação mental, ela precede os *insights*, que às vezes são instantâneos e outras vezes podem levar tempo, mas que somente ocorrem no processo de acomodação e assimilação do que ele colhe das intersecções e reflexões mútuas das etapas.

3 MUSEOLOGIA LGBTQIAPN+, INFORMAÇÃO GÊNERO-SEXUALIDADE E RISCOS

Ao abordar o risco como objeto de análise nos estudos de sexualidade e gênero na museologia, a princípio é preciso compreender a museologia social (figura 1, esfera) e a museologia LGBTQIAPN+ (figura 1, esferas verdes), como também a informação gênero-sexualidade (IGS) (figura 1, amarelo claro).

Como evidencia a figura 1, esferas roxas, o campo epistemológico da museologia é marcado por quatro fases.

Figura 1 – Museologia e intersecções



Fonte: Adaptado de Santana *et al.* (no prelo).

Na ‘fase primórdio’ (XVI a 1900), a museologia (figura 1, todas as sobreposições) se demarcou pela profissão de Conhecedor de coleções de itens alocados nos reinos e/ou impérios. A fase “protocientífica” (1900 a 1934) demarcou os debates relativos à função social e educativa dos museus.

A fase “empírico-descritiva” (1934-1976) instaura a consolidação da museologia como disciplina científica e suas práticas, como as metodologias. E a fase ‘teórico-sintética’ que versa sobre as discussões epistêmicas da museologia social que se torna realidade, como abertura de pensamento da museologia (Tolentino, 2016).

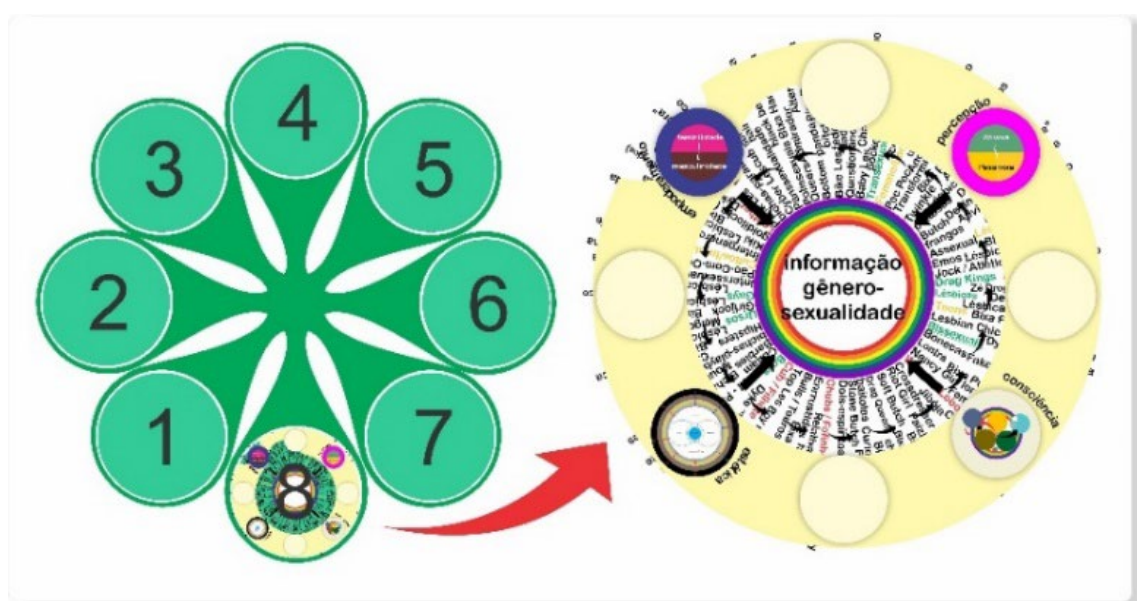
Na sociedade pós-moderna, a museologia social (figura 1, esfera azul) pode pôr em práticas as pautas democráticas e inclusivas, assim promovendo a redução das injustiças e desigualdades, o combate à discriminação e o preconceito em vista à melhoria da qualidade de vida coletiva, inclusive dos sujeitos LGBTQIAPN+, o que demanda o reconhecimento de uma museologia LGBTQIAPN+ (esferas verdes).

Ao visualizar a melhoria da qualidade de vida coletiva, esse fato envolve muitas questões como a GR e proteção do futuro, e ambas na museologia LGBTQIAPN+ (figura 2, esferas verdes) também encontram espaço, além da consciência e do sofrimento decorrentes dos riscos das tensões humanas e naturais, como de outras forças, os sujeitos LGBTQIAPN+ aplicam a senciência epistêmica.

A museologia LGBTQIAPN+ (figura 1 e 2, esferas verdes) se caracteriza como a abertura

de mentalidade, um avanço da museologia social, e nela busca-se desconstruir posturas colonialistas, sexistas, machistas, LGBTQIAPN+fóbicas e quaisquer pensamentos hegemônicos que possam estar intimamente relacionados às tensões humanas e naturais. Como evidência a ilustração, a museologia LGBTQIAPN+ (figura 1 e 2, esferas verdes), ela se estrutura por 7 (sete) premissas epistemológicas básicas (Baptista; Boita; Wichers, 2020), mas que pode ser agregada uma oitava premissa, o fluxo da IGS (figura 3, amarelo claro).

Figura 2 – Museologia LGBTQIAPN+ e premissas



Fonte: Adaptado de Santana *et al.* (no prelo).

A primeira premissa (figura 2, 1), a museologia LGBTQIAPN+ é feita, em especial, por sujeitos de lugar de fala que sentem e percebem, entre outras, a pertença dos riscos de sua existência e a profundidade deles. Assim, os sujeitos LGBTQIAPN+ têm a exclusividade de pertença das inglórias, glórias e conhecimentos.

A segunda premissa (figura 2, 2), versa sobre os riscos das expropriações de seus patrimônios materiais e simbólicos, ou seja, por sujeitos que não pertencem a essa comunidade, e isso incluem pesquisadores acadêmicos, políticos demagógicos, ONGs elitistas, igrejas e milícias, entre outras organizações exóticas às comunidades (Baptista; Boita; Wichers, 2020). As expropriações de um grupo ocorrem depois do ataque físico seguida de extermínio, em que se vandaliza o patrimônio e a apropriação dele ocorre sob o que é interessante.

A terceira premissa (figura 2, 3), da museologia LGBTQIAPN+ versa sobre as políticas

públicas no campo da América Latina, que minimiza os riscos ocorridos, especialmente, ao nível global através da xenofobia. Portanto, diz acerca das filosofias das políticas públicas, pois as políticas públicas podem ter viés elitistas e as comunidades sub-representadas não se encaixam nessas Políticas Públicas. Desta forma, o acesso à educação, a IGS, saúde, alimentação, moradia, trabalho e garantia dos direitos civis e segurança permanecem problemáticos (Baptista; Boita; Wichers, 2020).

A quarta premissa (figura 2, 4), diz acerca da popularidade, na visibilidade da museologia da realidade latino-americana e das periferias urbanas ou simbólicas através corpos e *psiques* de sujeitos negros, originários, afro-indígenas, pardos, entre outros. Ela é marcada por valores performáticos que reutilize materiais e ideias capitalistas como premissas determinantes (Baptista; Boita; Wichers, 2020).

A quinta premissa (figura 2, 5), é o lugar dos aliados, a museologia LGBTQIAPN+ não excluiu, ainda que os sujeitos de lugar de fala sejam protagonistas. A museologia LGBTQIAPN+ também envolve os aliados nas causas e pautas LGBTQIAPN+, pois a responsabilidade por essas questões é coletiva. Isso é especialmente relevante, uma vez que os marcadores sociais, na maioria das vezes, foram construídos por grupos elitistas que percebem os outros como distintos com o olhar de estranheza e olhar exótico no fluxo da representação de sujeitos LGBTQIAPN+, e também como promotores dos perigos e dos riscos para a sociedade. (Baptista; Boita; Wichers, 2020).

A sexta premissa (figura 2, 6), trata da aproximação das Políticas Públicas essencialmente pensadas para as comunidades vulneráveis específicas. Do mesmo modo, versa em minimizar os riscos ocorridos, especialmente de nível local e nacional, assim o acesso à educação, a IGS, saúde, alimentação, moradia, trabalho e garantia dos direitos civis e segurança permanecem problemáticos (Baptista; Boita; Wichers, 2020).

A sétima premissa (figura 2, 7), foca a estética, performances, vocabulários, múltiplas sexualidades e identidades plurais em constante renovação, o que faz conceber uma museologia que pode ser nomeada como Museologia Pajubá, Museologia Babadeira, Museologia Pintosa, Museologia Fechativa, Museologia Afrontosa, Museologia Travesti, Museologia Trans, Museologia Sapatão, Museologia LGBTQIAPN+ Afro-Indígena, entre outras possibilidades criativas que certamente irão emergir e libertar a museologia (Baptista; Boita; Wichers, 2020).

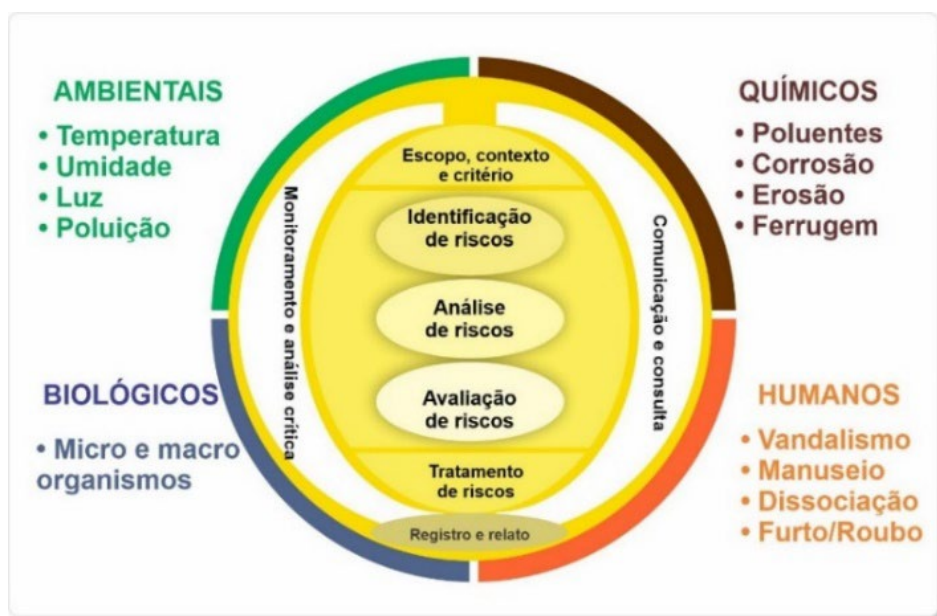
Considerar essas sete dimensões de Baptista, Boita e Wichers (2020) como

possibilidades epistêmicas para a construção e atualização dos quadros das práticas e teorias do conhecimento da museologia, significa considerar a IGS como a oitava premissa, especialmente quando se refere aos riscos como uma problemática que orbita a identidade LGBTQIAPN+. Essa tese emerge, pois os conteúdos informacionais e comunicacionais da IGS que venham minimizar os riscos quanto à discriminação e quanto ao gênero (empoderamento), sexualidade (percepção), a classe (consciência) e etnia (estética) (Santana; Melo; Souza, 2022), ancoram as sete premissas dos autores, servindo como insumo confiável para embasar argumentos, narrativas e as teorias.

4 GESTÃO DE RISCOS

A GR, (figura 3), originou-se nos Estado Unidos, com experiências pontuais em alguns países da Europa ao logo da Segunda Guerra Mundial, e evolui a partir de três momentos, mercado de seguros; crédito e financeiro e as fraudes e a corrupção dos anos 2000 (Brasiliano, 2018).

Figura 3 – Gestão de Riscos



Fonte: Adaptado de Silveira (2022) e ABNT (2009).

A GR, figura 3, é um processo coordenado e permanente utilizado dentro das organizações/instituições, e posto em prática pela alta administração para antecipar as situações que podem comprometer o desenvolvimento da empresa. Ela identifica as

vulnerabilidades e define um conjunto de medidas para o enfrentamento, evitando e/ ou minimizando as situações problemas. Essas situações problemas riscos são potenciais eventos que têm uma causa e geram prejuízos e perdas (Brasil, 2017, Art. 2º, IV).

Deste modo, como ilustra a figura 3, a GR considera os contextos externos e internos da organização como a visão, a missão, os objetivos, de tal modo que esse modelo pode ser adaptado em vistas estas condições. Portanto, os componentes como: Escopo, contexto e critério; Identificação de riscos, Análise de riscos e Avaliação de riscos; Tratamento de riscos e Registro e relato, podem ser aplicados de forma total ou parcialmente na organização; de serem adaptados ou melhorados, de forma que a gerência dos riscos seja eficiente, eficaz e consistente (ABNT, 2009).

As vantagens da GR, figura 3, é aumentar a capacidade de manutenção, prevenção e conservação, antecipando-se às ocorrências, evitando e minimizando os efeitos negativos dos agentes de riscos em que todos os arquivos estão sujeitos. O Risco é a probabilidade de algo acontecer, causando diversas gradações de perigos ou efeitos negativos. Os riscos em museus, bibliotecas e arquivos, podem acontecer, causando danos e perdas de valor dos acervos, seja do edifício, dos materiais e dos conteúdos informacionais, históricos e memorialísticos.

Para Silveira (2022), os riscos são classificados em três possibilidades: riscos raros; os mais violentos e que as perdas são irreparáveis; riscos esporádicos e riscos contínuos. O fogo pode ser um exemplo para ilustrar os três riscos, a partir de seus efeitos. No que versa os riscos raros, o fogo pode incendiar o prédio. No risco esporádico, o fogo pode queimar de forma parcial e deixar fuligem. No caso do risco colateral, o fogo pode dissociar informações de itens pela que caracteriza o objeto informacional como o todo, assim o risco colateral é também contínuo (Silveira, 2022).

Diante desses fatores deteriorantes de riscos e seu caráter natural e humano apontadas por Silveira (2022), figura 3, algumas medidas devem ser realizadas com objetivo de extinguir e/ou evitar e minimizar os riscos (Nascimento, 2015). Todos os riscos que podem sofrer um acervo têm uma ação humana, quando há negligências, descuido e erros.

Forças físicas, se refere a responsabilidade do manuseio de todos os profissionais que orbitam dos objetos, assim versa nos processos de armazenamento, catalogação, restauração, montagem e transporte (Silva; Nascimento, 2015).

Furto, roubo e vandalismo revelam motivação financeira/economia, pois há um mercado de contrabando de objetos museológicos. A motivação pode ser ideológica, religiosa

ou psicopatológica, e no âmbito dos museus resulta em desaparecimento, como na destruição e desfiguração das peças (Silva; Nascimento, 2015).

Fogo, versa sobre os incêndios que podem produzir os maiores desastres que podem ocorrer em museus, pois o dano ao material que compõe este é irreparável (tratando-se de documentos únicos), eles podem ser intencionais/criminoso ou por negligência, e por consequência de outros incêndios ou fatores extensos. Deste modo, da natureza pode advir os relâmpagos, incêndios florestais e residenciais, vazamentos de gás, falhas em instalações e de eletrônicos, consumo de cigarro e velas, balões e fogos artifício, reforma ou manutenção no edifício, entre outros (Silva; Nascimento, 2015).

Água - se refere os tsunamis, enchentes, chuvas, lençol freático, tubulações do sistema hidráulico do edifício e procedimentos de limpeza, o que pode causar perda total e parcial, manchas, fungos/ mofo, fragilização, deformações, dissolução e migração de materiais hidrossolúveis e corrosão, etc. (Silva; Nascimento, 2015).

Pragas – versa sobre os agentes biológicos que advém da fauna local das populações de insetos, roedores, aves, morcegos, típicos da região, especialmente, dos insetos que são difíceis de eliminar. Seu ciclo de vida e reprodução são rápidos e danificam os acervos em decorrência da alimentação, fezes e sujeira. Portanto, os acervos podem se configurar atratores de fontes de nutrientes e materiais adequados para se fazer ninhos, assim produzem nos objetos manchas, perfurações, fragilização, perda de partes, entre outros (Silva; Nascimento, 2015).

Poluentes Luz e radiação ultravioleta (UV) e infravermelha (IV) - são os excedentes das indústrias, dos veículos, das obras de reforma ou construção civil. Mas, também dos usuários e museus, de materiais de armazenamento ou exposições impróprias que arremessam gases nocivos, como introdução de materiais incompatíveis de intervenções inadequadas de conservação, restauração, e de alterações estéticas, no sentido de manchas, descoloração, fragilização, corrosão dos objetos (Silva; Nascimento, 2015).

Temperatura incorreta Umidade incorreta Dissociação – refere-se ao clima local, na radiação solar, lâmpadas incandescentes e equipamentos como aquecedores, climatizadores de ar que indevidamente utilizados. Sem atenção para estas questões podem ocorrer aceleração da degradação química dos materiais, deformações, ressecamento, fragilização, etc. (Silva; Nascimento, 2015).

Dissociação – trata-se dos inventários inexistentes ou incompleto, identificação indevida ou insuficiente de objetos do acervo, obsolescência de *hardware* ou *software* utilizados para armazenar e acessar dados e informações sobre o acervo, condições inadequadas de armazenamento do acervo, aposentadoria ou afastamento de funcionários detentores de conhecimento exclusivo sobre o acervo, etc.

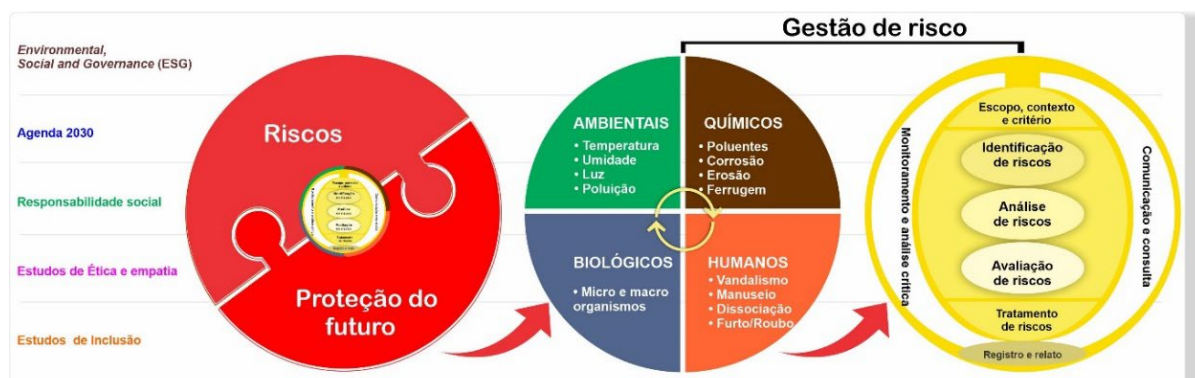
Extravio de objetos, diz acerca da perda de informação sobre o acervo, comprometimento do acesso intelectual do público ao acervo, etc. (Silva; Nascimento, 2015).

Quanto às tensões humanas e GR, os espaços LGBTQIAPN+s como clubes, bares, exposição, paradas sempre foram alvos de tensões humanas, fato que pode ocorrer como os museus LGBTQIAPN+, do mesmo modo esse é um risco eminente. Quanto às tensões naturais, no caso das enchentes dos Rio Grande do Sul, mais de 320 mil estão desalojadas, e segundo o ativista Dani Morethson, os homens em mulheres trans são os mais afetados, como ocorreu na pandemia.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

A dimensão ‘Riscos e Proteção do futuro’ (figura 04, esfera vermelha), está ligada ao contexto de antecipação que envolve os riscos ambientais, biológicos das tensões naturais; e químicos e humanos (figura 04, esfera colorida e esfera amarela).

Figura 4 – Riscos - Proteção do futuro e Gestão de Riscos



Fonte: Elaborado pelos autores e autoras (2023).

O contexto de antecipação pode minimizar e extinguir os riscos, especialmente, das comunidades subrepresentadas, pois é uma estratégica em que as questões técnicas da GR precisam estarem atreladas aos pontos como: *Environmental, Social and Governance* (ESG), a

Agenda 2030, a Responsabilidade social, estudos de Ética e empatia e os estudos de inclusão, assim emergindo como bases.

Os estudos do ESG (quadro 1), é uma área do saber que intersecciona três dimensões distintas, mas conectadas no âmbito da antecipação, pois se referem aos desafios da sociedade pós-moderna, é o conjunto de padrões e boas práticas conscientes, sustentáveis e corretamente gerenciada (Klen, 2024). O ESG é um ponto importante para a museologia social e LGBTQIAPN+, especialmente, quando foca a dimensão Social (S) que versa sobre o apoio à diversidade e inclusão frente às políticas públicas em casos das tensões naturais e tensões humanas. Deste modo, na GR a ESG por meio da dimensão Social (S) estimula as organizações privadas e públicas governamentais e filantrópicas na realização de tarefas de análise, síntese e avaliação, assim sendo um processo sistemático que transforma dados e informações em conhecimento estratégico nas decisões.

Quanto à Agenda 2030 as 17 metas globais, estabelecidas pela Assembleia Geral das nações unidas, versam sobre os riscos em muitos níveis, como de pobreza, fome e alta de água, risco de saúde física e mental, analfabetismos, discriminação de gênero, energia nociva, desemprego, riscos da inovação, das desigualdades, riscos da vida em cidades, comunidades e grupos, riscos do consumo e produção, da mudança global do clima, segurança da vida na água e terrestre, paz /justiça e parcerias.

O desenvolvimento sustentável é um modo de compreender o mundo como uma interação do homem e o meio ambiente, buscando prever e conscientizar as atitudes das pessoas nas diferentes dimensões (econômica, ambiental, institucional e social). Assim, a Agenda 2030 possibilita que as pessoas superem barreiras para construir uma vida melhor, promovendo discussões sobre as relações saudáveis e conscientes entre a humanidade e o meio ambiente, além de buscar oferecer qualidade de vida para as gerações futuras (Geraldo; Pinto, 2019).

A Responsabilidade Social como base da GR, pode focar a Responsabilidade Social da Informação, pois, ambas se interseccionam quando se visualiza a promoção e a visualização da proteção das comunidades representadas quanto aos riscos. Segundo Targino e Garcia (2008) a Responsabilidade Social objetiva a melhoria da qualidade de vida de um sujeito na sociedade atual.

Ao destacar a Responsabilidade Social na GR com o foco no acesso e uso da informação, se figura uma estratégia de política informacional, sadia e confiável para

minimizar os riscos eminentes, mas também depois que eles ocorrem, pois esse acesso e uso da informação vem a minimizar os impactos deles, e estagnação dos sujeitos de forma precária a realidade que se construí, sejam esses riscos das tensões naturais e humanas.

Para Targino *et al.* (2019), os estudos da ética e da empatia podem focar aspectos de base social através multiculturalidade grupal, em que diversos agrupamentos e comunidades étnicos-raciais e culturais coexistem num mesmo espaço geográfico. Promover a tomada de consciência da ética e empatia como elementos intersubjetivos, depende da formação diferenciada dos sujeitos, assim preciso estarem incluídas nas formações dos museólogos, como dos bibliotecários e arquivistas, pois promove a senciência nestes espaços quanto aos riscos das poluições e seus respectivos patrimoniais, memorialísticos e históricos.

Quando aos estudos de inclusão, versa na sua compreensão como uma medida de controle social, assim compreende como uma estratégia antídoto contra a exclusão de sujeitos, grupos e comunidades sub-representadas. Os estudos de inclusão permitem que o sujeito compreenda a inclusão como meio de integração na administração, em que os riscos emergem como um vetor da noção de exclusão, a outra interface.

Assim, entender os estudos de inclusão propiciam compreender a geração também dos riscos em alguma medida, pois, eles têm a ver com a exploração, pois quanto mais excluídos os sujeitos são, mais eles são submetidos as situações precárias. Para Santos, Duarte e Lima (2014), no que contemplem a inclusão de uma parcela da sociedade, é preciso que sujeitos tenham seus direitos garantidos e condições de desempenhar suas atividades sociais, e isso significa a qualidade de vida em vista aos riscos.

6 CONSIDERAÇÕES

As contribuições da museologia social e museologia LGBTQIAPN+ versam nos contornos e estratégias para minimizar as perdas e avariações por duas perspectivas, dos aspectos sociais e intersubjetivos inerentes os riscos das tensões naturais e humanas, assim quando há negligências, descuido e erros. Como episódios que ilustram bem as dimensões perdas e avariações, são as enchentes do Rio Grande do Sul, entre os dias 3 e 4 de maio de 2024, e os atos golpistas de 8 de janeiro de 2023.

A primeira quando afetam diretamente os corpos no sentido da perda de patrimônio material, e a segunda, quando a perda do patrimônio material se torna perdas imateriais e simbólicos, afetando diretamente as memória e identidade de um grupo e/ou comunidade.

As contribuições dos estudos epistemológico através dos 'Riscos e Proteção do futuro' e da GR nos quadros das práticas e das teorias do conhecimento das áreas da museologia, biblioteconomia e arquivologia ocorrem por cinco pontos.

Abarca o *Environmental, Social and Governance* (ESG) que foca o lugar de todas as instituições, inclusive das instituições privadas e seus impactos no mundo; a Agenda 2030, que versa sobre as diretrizes bases da existencialidade humana no mundo; a Responsabilidade social que situa esse sujeito no âmbito social, econômico e ambiental; os estudos de Ética e empatia que versam sobre na saída da individualidade para o âmbito do coletivo como estratégia; e estudos de Inclusão, que versa no limiar do que se configura ser incluído e excluído.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR ISO31000**: gestão de riscos. Rio de Janeiro: ABNT, 2018. Disponível: <https://www.controladoria.gov.br/pcm/assets/files/material-logo-2022/trilha6/comp/A%C3%A7%C3%A3o%2016%20-%20ABNT-NBR-ISO-31000-2018.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2023.

ALMEIDA, P. A Hermenêutica na Ciência da Informação: da revisão de literatura ao esboço de uma metodologia. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, Zaragoza, v. 16, n. 1, ene./jun. 2022. Disponível: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/205793>. Acesso em: 5 mar. 2023.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAPTISTA, J. ; BOITA, T. ; WICHES, C. M. O que é Museologia LGBT? **Revista Memórias LGBT**, Goiana, ed. 12, n. 7, 2020. Disponível em: <https://memoriaslgbt.wordpress.com/edicoes-memorias-lgbtq/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 9.203, de 22 de novembro de 2017**. Dispõe sobre a política de governança da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9203.htm. Acesso em: 18 jan. 2022.

BRASILIANO, A. C. R. **Gestão de riscos**. Indaial: Uniasselvi, 2018.

GERALDO, G.; PINTO, M. D. S. Percursos da ciência da informação e os objetivos do desenvolvimento sustentável da agenda 2030/ONU. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 24, n. 2, abr./jun., 2019. Disponível: <https://brapci.inf.br/#/v/120776>. Acesso em: 5 mar. 2023.

KLEN, A. A. P. Gris articulator: a social business archetype for management in responsibility and social intelligence from the perspective of social, environmental, and corporate governance. **Inclusão Social**, Brasília, v. 17 n.2, jan./jun. 2024. Disponível: <https://brapci.inf.br/#/v/299048>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MANTZAVINOS, C. O círculo hermenêutico Que problema é este? Dossiê - Fundamentos da Sociologia. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 2, dez 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/pVCfXvTRdxNMx9VZ35rQsfb/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MOUTINHO, M. C. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 7-9, 1993.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTANA, S. R. *et al.* Ampliando o campo teórico-sintético da museologia: considerações teóricas da museologia LGBTQIAPN+ para ancoragem epistêmica da Museologia Social. **Informação & Informação**, Londrina, v. 28, n. 4, p. 382 – 408, out./dez. 2023. No prelo.

SANTOS, R. R.; DUARTE, E. N.; LIMA, I. F. O papel do bibliotecário como mediador da informação no processo de inclusão social e digital. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 10, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível: <https://brapci.inf.br/#/v/3261>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SILVA, A. C.; NASCIMENTO, G. B. Gerenciamento de riscos no acervo do arquivo da Fundação Casa de José Américo na Cidade de João Pessoa – PB. **Archeion Online**, João Pessoa, v. 3, n.1, jan./jun. 2015. Disponível: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/archeion/article/view/24774>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SILVA, D. B.; ATAÍDE JÚNIOR, V. P. Consciência e senciência como fundamentos do direito animal. **Revista brasileira de Direito e Justiça**, Ponta Grossa, v. 4, jan./dez, 2020. Disponível em: <https://institutopiracema.com.br/wp-content/uploads/2021/10/RBDJ-UEPG-Consciencia-e-senciencia-como-fundamentos-do-DAnimal.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SILVEIRA, A. R. **Gestão de risco ao patrimônio musealizado**. Indaial: Uniasselvi, 2022.

TARGINO, M. G. Garcia *et al.*, Do sujeito empático ao sujeito informacional: relações epistemológicas acerca da responsabilidade social na Ciência da Informação. **Rev. FSA**, Teresina, v. 16, n. 3, maio/jun. 2019. Disponível: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1807>. Acesso em: 5 jun. 2023.

TAYLOR, C. Interpretation and the sciences of man. *In*: **Philosophical papers**: Philosophy and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press; 1985. v. 2, p. 15–57.

TAVARES, A. L. L. Gestão de risco: um novo olhar para a preservação digital. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Santa Catarina. **Anais [...]**.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Santa Catarina: ANCIB, 2013. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/view/4400/3523>. Acesso em: 5 fev. 2024.

TOLENTINO, A. Museologia Social: apontamentos históricos e conceituais. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 52, 2016. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5499>. Acesso em: 20 maio. 2023.

TREVISAN, A. L.; DEVECHI, C. P. V.; TAUCHEN, G. A. hermenêutica reconstrutiva habermasiana na pesquisa em Educação. **Gestão & aprendizagem**, João Pessoa, v. 11, n. Especial, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/mpgoa/article/download/65158/36622/190494>. Acesso em: 5 fev. 2024.

VANIN, L. F. **Organização das memórias e patrimônios culturais LGBTQIAPN+ de Florianópolis-SC sob a perspectiva da desclassificação**. 2024. 282 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/254829?show=full>. Acesso em: 11 jun. 2024.